



O Deus Bormânico

Francisco Martins Sarmiento

Museu Illustrado, Porto, 1878, vol. I, pág. 155

O cotejo das inscrições de Vizela com outras semelhantes, encontradas em regiões muito distantes da nossa, pode esclarecer alguns pontos de etnografia comparada, e alargar o terreno das investigações para mais que uma direcção.

Em Bourbonne-les-Bains, existem duas inscrições a “Borvoni et Damonte”; em Bourbon-Lancy, três. Suprimindo os sufixos, temos *Borv* e *Bornz*, que são um e o mesmo nome: a permutação do *m* e do *v* é regular e corrente em certas línguas. Se porém tal permutação se tornasse suspeita aos mais desconfiados, Bourbon-Lancy dá-nos uma quarta inscrição que dissipa todas as dúvidas sobre a identidade de Bormânico e do Deus que na Gália andava associado a Damona.

Diz ela:

C. IVLIVS. EPOREDIGIS. F. MAGNVS.
PRO. L. IVLIO. CALENO. FILIO
BORMONI. ET. DAMONAE
VOT. SOL.

Para acabar com a demonstração, lembremos que Bourbon-Lancy é chamado nas Tábuas de Peutinger “Aquaе Bormonis”.

Bourbonne-les-Bains, Borbon-Lancy são afamadas, como

Vizela, pelas suas águas termais; mas, a nosso ver, estas coincidências não bastam para ter por assente, com Dieffenbach e outros, que Borvo, ou Bormânico era um deus das águas termais.

Belloguet dá-nos notícia duma divindade Bormana, duma deusa Bormia em lugares, onde nunca existiram termas. Quem melhor poderia aclarar o ponto eram os etimologistas, descortinando o significado primitivo da raiz.

Pouco competentes nesta matéria (sem querermos dizer que o somos mais em qualquer outra), limitar-nos-emos a apontar as indicações dos entendidos.

Pott não duvida aproximar *Borv* do latim *ferv-ere*. Nigra supõe ter havido em céltico uma raiz *berv*, igual a *ferv-ere*. A raiz de *ferv-ere*, preferida por Fick, e aceite por Curtius, é em sânscrito *bhar*. Ora a ideia que esta raiz exprime não tem nada a ver com o calor; exprime, diz Fick, o movimento irrequieto, a constante agitação. Esta mesma ideia é conservada em borbulhar, borbotar, que Diez e Pott explicam pouco satisfatoriamente. Se todas estas vozes são puramente onomatópicas, alguém pode pensar, mais longe estamos ainda do calor, das águas termais.

Dir-se-à que não vale muito a pena tirar a limpo se Bormânico era um deus das águas frias, ou das águas quentes, e de gastar com isso tanta palavra. Notemos, porém, que a toponímia é um subsídio importantíssimo para o arqueólogo (e nem tantos tem ele), e que, estendendo a área de *Borvo* às localidades notáveis pelos seus borbotões de água, este nome pode ajudá-lo a seguir o rasto dum dos antigos povos do nosso país, que tinha, por exemplo, com os Eduos (entre os quais, segundo Desjardins, Borvo era especialmente adorado) estreitas afinidades de língua e de costumes. Neste caso parece estarem as fontes e riachos com denominação de Borba, Borbolegão e Fervenças, e talvez Fevras, Febros, se há aqui uma metátese — o que não é ponto decidido.

O que em todo o caso parece indubitável é que Borvo, ou Bormânico era um deus céltico, cujos benefícios se manifestam nos bulhões da água — facto que condiz perfeitamente com o culto das



casadesarmento

centro de estudos do património

fontes generalizado na Gália, e do qual também entre nós não faltariam vestígios, se... os procurássemos.

Muitas “fontes de Moiros” e quejandas, que a tradição teima em não deixar esquecer, remontam provavelmente à época em que Bormânico tinha altares em sua honra; outros trocaram a velha divindade pagã por um santo, ou santa do catolicismo, e continuam a fazer os mesmos milagres, que faziam há dois mil anos, ou mais.

É o que Bulliot diz que sucede na França, e o que sem dúvida nenhuma sucede por cá.